

Intromissão descarada

O conflito das Malvinas estimula a retomada do adágio “a união faz a força” pela irmandade da América Latina.

Em se tratando do desnível de capacidade bélica entre Argentina e Inglaterra, uma cotovelada nos vizinhos latino-americanos convoca-os a lançar o tema como de importância regional em foros vindouros.

A Inglaterra enviou a plataforma marítima “Ocean Guardian” na intenção de explorar gás e petróleo a 160 km ao norte das Malvinas, cujo arquipélago de três mil habitantes é disputado desde o século XIX pelos dois países, mas ficou sob domínio inglês desde 1833.

Os pujantes há muito controlam territórios latino-americanos e ilhas adjacentes. A Inglaterra controla as Malvinas assim como a Pangéica faz em Porto Rico e a França na Guiana Francesa. Discute-se a soberania da Argentina e o espaço de defesa da América Latina.

A estratégia do governo argentino tem sido a de dificultar a ação das empresas inglesas, que se aproximam em consequência da alta do preço de petróleo. A presidente argentina Cristina Fernández passou a exigir autorização oficial de todas as embarcações estrangeiras para que naveguem em águas do país sul-americano.

O esforço da Argentina de frear o apetite inglês é histórico. A guerra de 1982 rendeu a baixa de 649 ar-

gentinos e 255 britânicos e a derrota dos anseios de recuperação do território pelos argentinos. O governo do ex-presidente Néstor Kirchner, para citar uma ação mais atual, fez campanha pela retomada das Malvinas.

É legítima a defesa dos recursos naturais na área marítima por parte da Argentina, ao mesmo tempo em que surgem boatos inoportunos de que a presidente Cristina Fernández tentou desviar a atenção de problemas internos, como o aumento da inflação e o uso das reservas do Banco Central.

Qualquer crítica nesta direção desconsidera que os países latino-americanos estão sempre atolados nalgum impasse ou problema e que, a despeito deste diagnóstico, devem travar certames a favor da soberania e do resgate da dignidade de seus povos humilhados e avassalados.

A Argentina e a Inglaterra estão dispostas a dialogar sobre as Malvinas, apesar de a segunda dar por encerrado o debate sobre a legitimidade de sua posse sobre as ilhas, cuja renda provém boa parte da pesca.

Um conflito armado é pouco provável pelo desnível das forças envolvidas.

O litígio não impede que a Argentina alimente o seu desejo de restituição do território por meio da condução do tema a um foro latino-americano de debates envolvendo representantes políticos de tomada de decisões importantes, como o Grupo do Rio ou

o Conselho Sul-Americano de Defesa, que ainda não se consolidou.

A montagem de uma estrutura própria de discussões e ações sobre temas latino-americanos por governos progressistas na região começa a surtir efeito e a chacoalhar a base que, por séculos, sustentou a ganância dos países pujantes.

A Argentina não vê opção melhor que a união latino-americana para expulsar os corsários destas latitudes de onde muito sangue jorrou sob os mandos de forasteiros. As Malvinas são uma mostra da permanência de práticas colonialistas e imperialistas.

Cercados por navios de guerra e bases militares da Pangéica, a saída do mais fraco é resistir. Em mais uma prática desestabilizadora, a Pangéica convida o Uruguai a firmar tratados de livre comércio enquanto este país é fundamental para a continuidade do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL).

Embora a retórica seja a da paz, cujo prêmio Nobel foi estupidamente concedido ao estadista dúbio e infrutífero Barack Obama em função de mamulengo, a Pangéica militariza nossa região e a Inglaterra envia uma plataforma de prospecção de gás e petróleo como se fossem os donos do pedaço.

Basta de intromissão descarada. As Malvinas pertencem à Argentina.

Bruno Peron Loureiro é mestre em Estudos Latino-americanos.

O ano que mal começa

Foi desastrosa e reveladora a declaração do líder cubano Raúl Castro aos repórteres que acompanham o presidente Lula a Cuba. Embora a greve de fome que levou à morte do dissidente Orlando Zapata tivesse começado há 85 dias, e o seu estado de saúde tivesse se agravado há 10 dias, o sucessor de Fidel não esperava que o desenlace pudesse coincidir com a vista do presidente brasileiro acompanhado por uma comitiva de jornalistas de Brasília.

Geralmente tranquilo, desta vez Raúl Castro parecia nervoso e estressado. Nem esperou pelas perguntas, foi logo falando e meteu os pés pelas mãos.

Culpou o embargo imposto pelos Estados Unidos, esquecido de que dias antes haviam começado as negociações diretas entre os dois países. E sequer recorreu ao bordão de que Cuba goza de ampla liberdade; ao contrário, admitiu claramente a censura ao afirmar que “aquí não há máxima liberdade de expressão, mas se os Estados Unidos nos deixarem em paz, poderá haver”.

E não contente investiu indiretamente contra os jornais ali representados condenando aquela imprensa que “só publica o que os donos querem”.

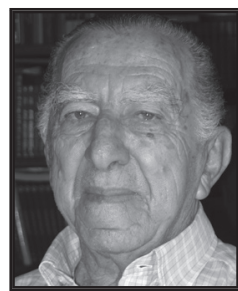
O presidente Lula é um sortudo e, além disso, sabe melhor do que ninguém como reverter uma

situação incômoda. Desta vez, também ele foi envolvido pela maré negativa produzida pela morte do dissidente cubano.

Prova disso foi o áspero editorial publicado na quinta-feira (25/2) pelo importante diário espanhol El País criticando nosso governo pela condescendência com que trata o regime cubano, principalmente na área dos direitos humanos. O jornal acrescenta que o episódio representa um teste decisivo para o presidente brasileiro.

Se o ano no Brasil só começa depois do carnaval, este 2010 anuncia-se cheio de surpresas.

Alberto Dines é jornalista



JOÃO ASMAR
Jornalista

A cabo de concluir, e já está impresso, o meu quinto livro, “O Troco... e Outras Notas”, que teria sido o primeiro, não fossem tantas promessas em editá-lo. não cumpridas por vacilantes patrocinadores.

Felizmente, vendendo, por antecipação, alguns volumes aqui, outros acolá, foi possível obter-se o recurso necessário à publicação, que, em sua singularidade, saiu a contento.

Também, “Os Árabes no Sertão, versando sobre a contribuição dessa estirpe, no desenvolvimento de Anápolis, desde o primeiro que aqui chegou, em 1903, até a auspiciosa data de 7 de setembro de 1935, quando foi inaugurada a estação da estrada de ferro, já está concluído, em fase de impressão, graças à valiosa cooperação do gentil e dinâmico industrial, Jorge Hajjar Júnior. O livro será lançado por ocasião das comemorações do aniversário da cidade, no mês de julho, próximo.

Está em andamento, para ser apresentado em 8 de fevereiro de 2011, “Anápolis e a sua Associação Comercial e Industrial”. Também, quase concluídas, estão “Páginas Soltas”, coletânea de mais de uma centena de crônicas, reunidas em três volumes, para serem editadas, ainda neste ano. No mesmo passo, “Meu Tesouro, Repartido”.

De permeio, como parte suavizante da ocupação, se as condições físicas me permitirem, pretendo publicar um pequeno livro contendo alguns casos engraçados, agradáveis, espirituosos, vividos ou contados pelos falecidos amigos, Dr. Washington Valente, Dr. Ayrton de Pina, Abrão Sacchi, Miguel Asmar, Clovis Prottis, Barnabé Lobo e outros, recheados com as “Crônicas do Bem-Querer”.

Assim, de quando em quando, vai a lume uma parcela do humorismo, da presença de espírito e da inteligência daqueles amigos que se foram.

Então, lá vai mais um

Livros

caso. Estávamos, ainda, na década de cinquenta, do século passado. Por estas bandas, e a essa época, não haviam estradas asfaltadas. Eram poucos os veículos que transitavam por rodovias de terras, encascalhadas, em alguns trechos, poeirentas, nos meses das secas, lamacentas no período das chuvas.

A exceção de Goiânia, poucas eram as cidades que tinham ruas calçadas com paralelepípedos.

Existiam poucos veículos, automóveis, caminhões e ônibus. A maior parte deles, já envelhecida, rodava à custa das habilidades de nossos mecânicos e lanterneiros, que mantinham as máquinas em funcionamento.

Os automóveis, mais simples, fabricados pela Ford, americana, então, eram os que mais favoreciam as remodelações. Ficaram famosos os do ano 1929, engenhosamente transformados em pequenas camionetas, com adaptações de carrocerias de madeira.

O Ayrton de Pina comprou um desses Fordinhos, automóvel, e começou o seu aprendizado de motorista.

Postado na direção. ele se mantinha com o corpo erecto, endurecido. Segurava o fornido volante, com as duas mãos, bem agarradas, esticava o pescoço, e não desviava os olhos da frente do carro, em movimento.

Quem o via dirigindo percebia, logo, que era um novato, ainda sem naturalidade, pois, mantinha-se como alguém, espantado.

Quando já estava dirigindo a sua preciosa máquina, sem a vigilância e o auxílio do instrutor, resolveu passear em Goiânia, para se exibir ou melhor conhecer a bonita capital que se expandia e se embelezava.

Ao entrar na cidade pela única via de chegada, a Avenida Anhanguera, que começava logo após a ponte sobre o córrego Botafogo, cruzando a Avenida Paranaíba, passou direto, com o seu Fordinho, engatado em segunda marcha, abstraído do semáforo, que mudara de cor, e que ele desconhecia.

Logo... ouviu um estridente e alongado apito, soprado por um guarda de trânsito, que lhe saiu à frente, obrigando-o a parar.

Aproximando-se, o guarda foi lhe dizendo:

-O senhor não viu o si-

nal, vermelho?

Sem se alterar, bem tranqüilo, o Ayrton respondeu:

-O sinal, vermelho, eu vi. Não vi foi o senhor.

-O senhor avançou o sinal vermelho, e isso é proibido. O senhor está sujeito a multa...continuava o guarda, falando, quando o Ayrton o interrompe, com sua voz grossa, coçando a cabeça, resmungando... é... é...eh!

O guarda, chegando bem próximo do Ayrton, estende-lhe a mão direita, dizendo-lhe:

- Por favor, me dê os documentos.

Meio incomodado, sem perder a calma, o Ayrton responde, batendo as duas mãos, espalmadas, no peito, por duas vezes, e, com a sua voz grossa, retrucou:

- Documentos...? Documentos...? Que documentos?

-Os documentos do carro e a sua carteira de habilitação. Explicou o guarda.

Ah!... Sim! Entendi... Documentos... Documentos...

De repente, fixou os olhos, energicamente, nos olhos do policial e disse-lhe:

-Então, seu guarda, cadê os seus documentos de guarda?

-Ora, estou fardado, no posto, exercitando a minha função, cumprindo o meu dever, e isso é o bastante. Respondeu o agente de trânsito.

-Mas... para ser guarda, tem que haver documento, não tem? - Falou com certa eloquência e convicção o infrator.

-Tem, sim, senhor. Confirmou o policial, com notória humildade.

E cadê esses seus documentos de guarda? Primeiro o senhor tem que provar a sua autoridade... - Já impondo-se, falou o Ayrton, com a voz mais forte, ainda, quando o guarda tentou justificar:

-Já lhe disse, senhor, que estou fardado...

La continuando, quando o audacioso motorista, com seu vozeirão, autoritário, sentenciou:

-Ora... seu guarda; Se o senhor está fardado é guarda... então... se eu estou guiando... sou chofer. Não tem mais nada que discutir.

Acelerou o Fordinho e saiu, deixando o guarda de trânsito meio pasmado, sem ação, esquecido de levar o apito à boca, conservando-o em sua mão trêmula.

Assunto para LIVROS.

ENVIE SEU ARTIGO COM FOTO PARA

jornaldoestadodegoias@gmail.com

www.jornalestadodegoias.com.br

JORNAL ESTADO

DE GOIÁS

Publicação da WCR Produção e Comunicação Ltda

- Administração, Redação e Edição
Av. JK, nº 2343, JK Pq. Industrial, Nova Capital
Cep: 75114-225
Anápolis-Goiás

Redação: (62) 3701-2721 / Comercial: (62) 3702-4406
Impressão: F. Câmara Gráfica

Editor-Chefe
Marcos Vieira (marcosvieira77@yahoo.com.br)

Editor de Arte
Normando Pereira Barros (npbarros@hotmail.com)

Jornalistas
Fernanda Morais (fernandafmorais@hotmail.com)
Marcos Aurélio Silva (marcos.imprensa@gmail.com)
Orisvaldo Pires (orisvaldopires@gmail.com)

Repórter Fotográfico
Ismael Vieira (ismaelvieira@hotmail.com)

jornaldoestadodegoias@gmail.com

DÁ ARRUDA AQUI NA ILHA ?

NAÕ. DÁ CANA!



Aliedo